

## Um Atlântico em transição: enlaces políticos entre Portugal, Brasil e África na imprensa de esquerda portuguesa (1976-1978) <sup>1</sup>

Vitória Maria de Sousa<sup>2</sup>, Reinaldo Lindolfo Lohn<sup>3</sup>

<sup>1</sup> Veiculado ao projeto “Transição democrática e conexões internacionais: o Brasil na imprensa portuguesa (1974 – 85) 2a. Etapa”.

<sup>2</sup> Acadêmica do Curso de História — FAED — Bolsista PIBIC/CNPq.

<sup>3</sup> Orientador, Departamento de História — FAED — reinaldo.lohn@udesc.br.

Entre os anos 1974 e 1975, Portugal passou por um processo político complexo conhecido como “Revolução dos Cravos”, quando um golpe de Estado que culminou na queda do regime Salazarista transformou-se em um processo revolucionário. Do outro lado do Atlântico, no Brasil, estava tendo início um processo que viria a se constituir em uma lenta transição política, ainda durante a ditadura militar (1964 – 1985). Portanto, em paralelo, dois países lusófonos viviam processos políticos em que diferentes disputas e lutas sociais ganharam consistência. Além disso, no continente africano, as lutas anticoloniais chegavam ao clímax, com os processos de independência de Angola e Moçambique. Este projeto de pesquisa visa situar a transição política brasileira em um quadro de conexões internacionais, procurando pontos de enlaçamento entre processos simultâneos. Conexões entre esses diferentes processos podem ser identificadas em repertórios políticos mobilizados em parte importante da imprensa portuguesa, dado o contexto em que circularam no espaço atlântico diferentes ideias e concepções de democracia e lutas sociais, com impacto no Brasil. Durante esse período, várias correntes políticas de esquerda ganharam força nas ruas para poder garantir uma efetiva participação nos rumos que um Portugal democrático e possivelmente revolucionário pudesse tomar. A partir de 1976 ocorreu um processo de “consolidação democrática” em que a social-democracia, já predominante em outros Estados europeus, consolidou-se como a principal força política nas esferas institucional e eleitoral. Podemos observar que, durante os anos de 1975 e 1978 — mesmo após o insucesso dos revolucionários de esquerda — repertórios de mobilização social antifascistas, anti-imperialistas, terceiro-mundistas, entre outros, continuaram a circular. Por meio das fontes analisadas — aproximadamente 250 edições do jornal semanário *Página Um*, de 1975 a 1978 — é possível perceber um forte “anti-europeísmo”, muito bem representado na charge da edição de 17 de julho de 1976 (figura 1): na imagem, vemos Mário Soares (primeiro-ministro português, fundador do Partido Socialista) acorrentado em um peso escrito *Europa Connosco*, que sintetizaria, em poucas palavras, a introdução do Portugal democrático no Mercado Comum Europeu, o equivalente à atual União Europeia. Conduzir Portugal com vistas à sua introdução ao Mercado Europeu é, na perspectiva do jornal, se distanciar ainda mais do socialismo e inevitavelmente se aproximar do fascismo. Entre os que partilhavam as visões do jornal *Página Um*, o país ibérico, outrora tão próximo às posições socialistas, deveria aproximar-se de posições “terceiro-mundistas”, ou “transatlânticas”. Visto que a adesão a repertórios de esquerda era tão

forte em Portugal nos anos de 1974 e 1975 (durante a Revolução), jornais que não faziam parte da grande imprensa portuguesa nos anos de consolidação social-democrata — como o *Página Um* — são fontes valiosas para observar como e quais repertórios circulavam por esses agrupamentos políticos e em um espaço atlântico de trocas de ideias. Este estudo destaca a busca de setores políticos portugueses por maior apoio às ex-colônias, como Angola e Moçambique, em suas lutas anticoloniais e anti-imperialistas, além do apoio das instituições portuguesas aos grupos de oposição brasileiros à ditadura, em meio ao processo de transição política sob o regime militar. Nas páginas analisadas, as menções aos países lusófonos demonstravam apoio, denúncias de crimes de Estado e/ou divulgação de eventos de solidariedade ocorrendo em Portugal — a exemplo da criação do *comité para amnistia geral no Brasil* e as *Jornadas da Amizade com Países Africanos*. Já as menções ao continente europeu, quase todas eram críticas aos governos de posições social-democratas ou de direita, diretamente relacionadas com o fascismo, e forte apoio aos partidos de esquerda e suas lutas.



Figura 1. Recorte do jornal *Página Um*. 17 de julho de 1976, p. 1.

**Palavras-chave:** Países lusófonos. História atlântica. Terceiro-mundismo.